VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Emprêsa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165-Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranense: Rua 31 de Janeiro, 133-GUIMARÃES

Foi como que um sonho. Após longos anos de ginástica governativa, em que os erros se seguiram pasmosamente, com tumulto e imprudência, baqueou a monarquia de Espanha arrastando, atrás de si, as tradições seculares de todos os Bourbons.

O exemplo do país vizinho é uma profunda lição dada aos homens do século XX.

Ninguém ignora já os instintos imperialistas de Afonso XIII. E nós os portugueses, em virtude de certas particularidades, devemos sabê-lo com interêsse.

O fuzilamento de Galan e Hernandez foi - além de um gesto precipitado - um sanguinário abuso de fôrça.

Galan, o herói máximo de Jaca, soube morrer como um espanhol de antigas eras. Honrou as tradições da sua nobre raça. E sua mãe, que deu à República visinha um grande mártir, deve chorar lágrimas de amargoroso jubilo.

Hernandez foi o leal camarada de Galan. Deixou uma viúva jóvem e uma filhinha de dois anos. Que sejam todos mil vezes ben-

Já no tempo da Grande Guerra havia Republicanos, muitos Republicanos no país de Cervantes.

Que admiravam Portugal pela sua atitule!

Que admiravam as Potências

aliadas.

Havia muitos francófilos em Espanha. Homens que muito apreciavam a Liberdade e a República. A República espanhola vem de longe.

E Afonso XIII - que por momentos se revelou um bom politico - não teve o talento de conter, um minuto sequer, a onda revolucionária.

E' que a República avança sôbre todos os monarcas. E os políticos monárquicos espanhóis estavam decididamente gastos. Primo de Rivera falhou totalmente. Pode dizer-se que foi o coveiro da monarquia.

As eleições foram eloquentes. Derrubaram Afonso XIII que representava ainda o cadáver da velha situação política. E a coisa passou-se - afora uns tumultos de carácter popular - serenamente. A mulher espanhola, muito ao contrário da portuguesa, prestou relevantes serviços à jovem República.

- Mas - no dizer criterioso de Marcelino Domingo - é preciso ter muita prudência. Há o perigo dos falsos adesivos, etc.

Nós - os portugueses! - sabemos a verdade assás vibrante

daquela inquietação. O perigo existe e... toma o aspecto horroroso de uma peste se a Espanha não forma o seu

Estado Republicano. Estruturalmente Republicano! Doia a quem doer!

Mas deve sêr metódica, coerente, decisiva.

A República espanhola deve sêr prudente!

E' assim reatará o significado grandioso do seu passado.

ARepública espanhola A VELHA GUARDA

Por mercê dum grande lapso — a nossa cabeça tem momentos de raro estonteamento — não prestamos a devida vénia ao nosso jornal em o número 312. Que os nossos leitores saibam perdoar!

Foi precisamente nêsse número que A Velha Guarda completou os seus escabrosos seis anos de luta em prol dos sãos princípios da Democracia. Da Democracia que amamos até ao sacrifício.

Cumprimos hoje - já que, por lamentável esquecimento, o não fizemos ainda - a grata missão de, em nome do jornal, nos dirigirmos aos Republicanos de Guimarães para efusivamente os saudar. Fazemo-lo serenamente e — de semblante imperturbável e o coração repassado de fé — prometemos manter-nos nesta atitude de pura intransigência.

A Velha Guarda será — como sempre o tem sabido ser — uma sentinela humilde da Democracia. Sentinela vigilante que nunca dará tréguas à reacção! Que a há-de combater de cara levantada e olhos postos no progresso! Porque A Velha Guarda é o jornal do Povo.

Do Povo e para o Povo!

Os seis anos de A Velha Guarda representam uma série de étapes. Foram seis anos de quando em vez interrompidos.

Seis anos que vêm quási do início da República.

Seis anos de laborioso trabalho, de acêsa luta, de inquebrantável firmeza.

Nós saudamos hoje os que aqui queimaram as pestanas. A todos, absolutamente todos - que como nós albergaram uma esperança no mais fundo do peito — testemunhamos admiração e estima. Todos os que passaram por esta Redacção souberam impregnar A Velha Guarda daquele aroma, fortemente alacre, que se chama: - convicção. Souberam conduzi-la pelo caminho da honra. E nós, pobres cabouqueiros dum Ideal, vimos seguindo-lhe o rasto de fronte erguida e olhos fixos no Dever. Mas — repelidos embora pelos adversários, cuspidos mesmo na nossa humildade — confessamo-nos orgulhosos de ser Republicanos, profundamente republicanos, intransigentemente Republicanos.

Confessamo-nos orgulhosos!

E ninguem nos reprove o orgulho, porque se o possuímos é devido ao muito amor que nutrimos pela nossa única riqueza: a coragem de sermos o que somos em tôdas as conjecturas.

A Velha Guarda entrou no sétimo ano da sua luta. Será a mesma, inalteràvelmente a mesma para todos os que com ela têm tratado. Os inimigos da República não podem esperar dela benevolência nem apaziguamento. Só luta... muita luta!

Os nossos amigos — e são, felizmente, todos os Republicanos de Guimarães — terão aqui o mais franco e leal acolhimento. Podem dispor, a seu bel prazer, das colunas, de tôdas as colunas dêste jornal. Porque, falar em união dos Republicanos é já para nós - que também a pregamos com veemência e assuidade — uma coisa ociosa. Ela está feita, decididamente feita entre os homens que partilham do mesmo Ideal.

Fez-se no campo das ideias. E ninguém como estas consegue o milagre de operar, num todo divergente, a transformação. Reina a fraternidade em todos os nossos corações, a estrutura, a comunhão. Todos pensam do mesmo modo.

Porisso nos dirigimos aos Republicanos de Guimarães ao festejar A Velha Guarda.

A todos os Republicanos.

A todos os Republicanos sem distinções partidárias!

Cumprida esta missão — que importa tàrdiamente, se a alegria é a mesma!? — digamos sincera e profunda e calorosamente:

Viva a República!

H. BELÉM.

Um ... "rocha,,

Devem ter reparado que «A Voz. é - agora mais que nunca - um pratinho de meio. Acaso constatamos que um... rocha (composição granitica de fraca alvenaria que anda a iludir as aparências com vidraças oculares) vomitou espiche como interprete da opinião vimaranense.

Que «A Voz» era esgotada. Que os artigos de Nemo eram

muito apreciados etc.

Alto aí. Ha muita maneira de apreciar. E Nemo — coitadinho! - depauperou-se de metamorfose em metamorfose até à mais extre-

ma inferioridade zoológica. Recomendamo-lo à Sociedade Protectora dos Animais.

Quanto ao «rocha» - um mixto de vária matéria bruta - frisamos que ha muita maneira de esgotar. E parece-nos que A Vozo - em vez de se esgotar, quando é certo pairar por ai aos ponta pés de todos - consegue apenas esgotar nos a paciência.

Pelo menos, sempre diremos ao basbaque que a nossa imprensa («A Velha Guarda» e «Povo de Guimarães»), representando a parte inteligente e pensante desta cidade, o não incumbiu de dizer tantas baboseiras.

Quem lhe incumbiu, pois o Opomos-lhe aqui um desmen-

Fazemos votos para que seja

mais verdadeiro.

Um grupo de antigos alunos do professor João de Deus Pereira, porque interpreta bizarramente o quanto deve ao seu primeiro educador, resolveu angariar lhe um peculiosinho junto dos seus camaradas de outros tempos. A ideia - conquanto não seja original - é revestida daquela elevação que muito nobilita os que a

Achamos bem

poseram em execução.

Nós achamos muito bem o ges-

Ora bolas...

Disse um correspondente de Guimarães para o Diario da Manhã» que os partidários do reviralho andam muito tristes.

Se é connosco... não por isso, muito obrigado!

Assim mêsmo, também lembramos ao conspicuo que o reviralho que êle mais deseja, deu em droga na memorável derrota do 13 de Fevereiro.

Anotamos desta forma para o calendário do conspícuo.

Recodar é viver... Mas, se o conspicuo recorda, é para morrer mais depressa.

to. Aqui, nestas humildes colunas, o registamos. Oxalá que todos reconheçam o seu significado concorrendo para o subsidio ao antigo mestre.

Lêde e propagai "A Velha Guarda"

Será verdade?

Informam-nos de que o Sr. Tesoureiro de Finanças tem lido - mas que não tem tomado em consideração—as apreciações que a seu respeito temos feito neste Jornal. De facto, assim deve ter sucedido, mas isso não nos impede de continuarmos na obra de saneamento moral, Pelo contrário, porporciona-nos maior liberdade de acção, para não darmos o assunto por terminado enquanto o Sr. Tesoureiro não tomar qualquer resolução, principalmente a de nos chamar ao Tribunal ou, então, a de dizer da sua justiça na Imprensa. Insistimos nêste ponto, porque não queremos que fique no espírito de alguém, sobretudo no dos poucos amigos do Sr. Tesoureiro, a impressão de que a nossa campanha não é justa. Quando resolvemos chamá-lo à responsabilidade dos seus deveres, não o fizemos irreflectidamente, mas sim por termos os elementos necessários para o fazer. Dêste modo, nós seríamos tão criminosos como o Sr. Tesoureiro, se procurássemos ocultar a gravidade das irregularidades cometidas no desempenho do cumprimento dos seus deveres, irregularidades tais que não permitem a sua continuação na qualidade de chefe da aludida Repartição, nem mesmo de qualquer outra. E falamos assim, com tôda esta clareza, porque, além do crime de burla - referimo-nos ao que se tem passado com o pessoal auxiliar - o sr. Tesoureiro há-de sofrer as consequências de outros, dos quais nos ocuparemos brevemente, dando conhecimento dêles ao seu superior hierárquico e aos nossos estimados leitores. E então, quando tal acontecimento se der, já será tarde para o delinquente tomar em consideração as nossas apreciações, que, por enquanto, apenas têm tido em vista a preparação para um exame de consciência, que o Sr. Tesoureiro não deve deixar de fazer. Todavia, é necessário fazer-se a limpeza, porque o lugar dos burlões não é dentro da Repartição do Estado, mas sim dentro duma cadeia, para não andarem de cara levantada - e cinicamente - a passear nas ruas da cidade, como sucede no caso presente.

Tem graça, mas não cola...

«A Voz» faz largo escarceu de umas pretensas notas de banco, espalhadas criminosamente por uma população qualquer, etc.

Aconselhamos a lamparina a ser mais comedida. Ela bem sabe que a chalaça está poida e que - se vamos a falar - lhe descobrimos ruindade em todos

Sim. Quando ela fala em notas toda se lambe gulosamente, lembrando-se porventura daquelas muitas (20 000 000#00) que o sr. Paiva Couceiro roubou hones-

Toda a gente sabe...

QUASI INAGREDITAVEL!...

«A Velha Guarda» vem scguindo uma conduta assás galharda na revindicação dos bons direitos de Guimarães. Nos - os que aqui trabalhamos mais assiduamente — não perdemos jamais o ensejo de batalhar em defeza da sua estética. Porisso interpelamos o Município muitas vezes sôbre tais ou quais desmazêlos. Porisso nos havemos revoltado. contra a incúria de certas entidades que - no desempenho das suas funções — ainda nos olham de má cara. Pouco dados, porém, ao trato familiar das coisas mundanas, esses senhores - tão pressurosos em construções de menos evidência - não lobrigaram sequer o estado lamentoso das nossas vias. Não nos referimos já ao aglomerado urbano, a que por vezes se atribui uma antiguidade nauseante, mas àquelas vias que lhe dão saída para os arrabaldes. De longe a longe, damo-nos ao luxo de recrear por essas bandas. Um pouco de ar faz sempre bem aos nossos ócios. Lá andamos, pois, de caminhada amena pelas entradas da cidade. E, para não atraiçoarmos a nossa consciência, confessamos a péssima impressão com que voltamos, quási sempre, do recreio.

Aínda ha dias passamos ali junto do Hospital da Misericordia. Ao cimo dos Palheiros ha a estra-da de S. Torcato; aludimos a um bocado de estrada vergonhoso que fundamente nos deprecia... um bocado de estrada com barrancos abismosos. E' à portinha da cidade, para — vincilhando de outro rigor veridico as nossas afirmações - não dizermos que é dentro da própria Guimarães. O local em referência tem, como não podia deixar de ser, enorme trânsito. Passa por ali muita gente, e muitos carros por lá seguem o seu destino. Aquelas profundas rugas, que forçam os autos a um perigoso jogo de equilibrio com risco dos transcuntes, são para nós um triste sintôma de abandono. Já muitas vezes falamos na avenida das muralhas sem que ninguém nos ouvisse. E mais... não faltavam paralelipipedos para endurecer o chão. Mas tudo continuou como dantes. Tornaremos a falar no próximo inverno. Agora interessa nos, como vimaranenses, debelar aquela vergonha que, ao cimo dos Palheiros, se ostenta desabridamente aos nossos olhos. Cumpre-nos orientar o povo nestas coisas regionais. Fazemo lo com isenção. Ninguém ha ai de boa fé que possa acusar-nos de exa-gerar. Se falamos é porque nos magôam as desditas dêste cantinho de Portugal onde nascemos. Para tudo—até para as mais pequenas coisas — é necessário absoluta energia. A energia porém - para que negá-lo? - atravessa uma crise grande no seio da humanidade. Só ha cobardias e gargarejos isolados. Em tudo, quasi em tudo, se nota uma doentia falta de decisão. Isto é francamente intolerável. O que será?

Parece certo que não é a falência da raça. Porque a ser assim, resta o povo que representa com pureza os portuguêses das descobertas e das conquistas.

A FEDERAÇÃO DA IMPRENSA REPUBLICANA

O nosso brilliante colega «República» lançou com verdadeiro

êxito esta ideia.

«A Velha Guarda» — porque se associa e adere a todos os empreendimentos rasgadamente republicanos - aplaude o seu vespertino colega de Lisbôa.

Mais alem apreciará devidamente os estatutos, já publicados

Para a frente!

A RIR ...

Isto de levar as coisas a rir é meia vida garantida. Por isso, devemos encarar todas as dificuldades e todas as contrariedades, que de momento nos surjam, sem arrelias, sem consumições, sem irritações de nervos, etc., etc. Além disso, a lei das acumulações também não nos permite fazer o contrário, visto que acumular é proibido ...

Realmente, seria um disparate estar a juntar às nossas contrariedades, que, infelizmente, não são poucas, uma série de arrelias e de irritações. Não! Não deve assim ser, porque lá diz o adágio: «não há bem que sempre dure nem mal que sempre ature». Portanto, sem que seja necessária a intervenção da medicina, os cardiacos podem, aproveitando-se deste conselho, gozar um delicioso bem-estar, uma vez que ponham de parte a mania — pe-de se desculpa do termo — de se incomodarem com coisas de pouca monta, e, na maior parte dos casos, também de pouca dura.

Isto vem a propósito de um nosso amigo, muito indignado, vir chamar a atenção deste Jornal para algumas medidas urgentes que as autoridades respectivas devem tomar, aqui, na nossa ter-ra. Vamos falar apenas daquelas que podem ser ràpidamente solucionadas, e que são as seguintes:

Não consentir que no Largo 13 de Fevereiro, sobretudo no espaço que fica por debaixo da Câmara, estacionem, às dezenas, individuos que se ocupam a insultar quem por ali passa pacifica e ordeiramente; que os passeios das ruas da cidade não sejam transitados por pessoas que conduzam determinados objectos que possam incomodar os transeúntes, que seguem livres e alodiais; que os mesmos passeios não sejam destinados à venda de peixe; e, finalmente, por hoje, que quem de direito o pode e deve fazer dê às competentes autoridades sanitárias os poderes precisos para estas poderem combater a falta de higiene pública, que também é um dos flagêlos que muito nos apoquenta. Esta última necessidade, que não deve ser prejudicada com os efeitos da economia concelhia, não pode ser adiada por mais tempo. Que morramos de pasmo, ainda estará certo, mas que morramos por falta de limpeza.....

(Grigri).

Uma carta

O ilustre Democrata Português, Norton de Matos dirigiu ao jornalista Ribeiro de Carvalho uma carta que constitui um brado do seu alto patriotismo. Todos os Republicanos leram essa carta sôfregamente, avidamente. Porisso nos limitamos a registar nestas colunas a alma de que impregnou as suas frases o grande

Não queremos fundir-nos nem federar-nos seja com quem for — disse Sua Ex.".

O Zé Gago e nós, ou antes: nós e o Zé Gago

Este nosso amigo congratulou--se enormemente com as amáveis referências que há tempos lhe fizemos. Foi até pessoalmente agradecer, a um dos nossos Directores, a inequivoca lembrança desta Redacção. Sensibilizados pelo facto, resolvemos averiguar quem lhe pagou a entrada para o Senhor dos Passos. Parece que é um irmão de borla, pelo que sin-ceramente o felicitamos. Desconhecemos o serviço prestado à irmandade pelo nosso amigo. Mas - apesar de avêssos a irmandades - não deixamos de o felicitar.

Os meus instantâneos

Curiosidades cá do burgo

Não sei se já viram!

Vale a pena. Foi ali na Cruz de Pedra que eu enxerguei há tempos uma velha capoeira a fingir de guarita. Serve de bilheteira a um empregado do Município.

Não sei o valor histórico do traste, mas - na opinião serena do nosso povo - deve remontar às épocas mitológicas da antiguidade grega etc. Foi possivelmente o poiso de algum oráculo que aqui veio parar, mercê da mania... arqueológica da nossa raça...

Guimarães tem muito disso.

Por falar em telefones:

Em S. Torcato - segundo confidências dum amigo que ali mora -não foi montado um dêstes aparelhos, a quando das instalações gerais, porque pediam à cirmandade» da localidade a fabulosa quantia de mil e tresentos escudos.

Um descaro! Decorridos uns meses foi resolvida, no douto conciliábulo, a montagem do referido telefone Feitas as démarches indispensáveis, chegou-se a esta simples conclusão: custava agora desoito mil escudos.

Uma ninharia! Diz-me o meu amigo que - à parte o seu feitio de charadista pilhérico - é um excelente rapaz: - atribui se a isto uma série de vulgaridades, etc.

E cita-me, com o aprumo dum perfeito «blagueur» e num irónico «a-propósito», outra ocorrência: a de certos individuos da região, movidos por sacrilegos instintos, tentarem apertar o «papo» a um conhecido sacerdote, etc. etc....

Eu acho graça a certas atitudes. Esta - de parte a parte - tem o seu cómico.

Se fôssem todos assim, não havia tantos santos!

A história dos homens, é, por vezes, um extenso complexo de incompreensibilidades. Não significa, todavia, que eu - sem ser um águia - deixe de penetrar no emaranhado de certos mistérios.

Tenho até filosofado bastante. Uma filosofia sem perigosos exercícios de dedução.

Assim, conheço uns sujeitos que - semelhantes no oficio por uma fatal coincidência — formam uma confraria extra-especial com fins não regulados por estatutos.

Têm em mira, para não andar com mais rodeios: dar caça ao

E, devo confessá lo sem delongas, tem sido rendosa esta indústria - que livre das excuções do fisco - é exercida clandestina-

E para cúmulo de reticências — saibam ainda os que me lêm é uma indústria legal.

Os leitores que adivinhem o

Mudemos de assunto.

Ouvi dizer-e não sem o chiste inerente aos improvisos - que Guimarães é um «ramo de entu-

Eu rio sempre de tôdas as pa-chouchadas. Esta, que vem ferir--me os brios de bairrista, tem uns «dares e tomares» de verdade tragi-cómica. Não posso negar apesar de vimaranense - que há, por aqui, entulheiras em tôda a parte: Praça do mercado, Rua D. João, Avenida Cândido dos Reis, Largo-de-Donães, etc., etc.

Reconheço a verdade fria e sintomática das coisas.

Mas, em compensação, não faltam excelentes projectos. Guima-

Pater-noster!!!

Eu acho a certas narrativas um delicioso sabor. Há coisas de que eu não oculto o chiste. Ainda agora ouvi contar uma história verdadeira que - segundo a informação - se passou na Mor-

Uma comissão, composta de alguns sócios da Associação dos Taberneiros desta cidade, foi a Braga entrevistar o Director de Finanças no intuito de zelar os

seus interesses.

Não é isto, afinal, o que forma o corpo da piada. E' uma simples ligação que preciso fazer. Na volta do distrito — e para abre-viar o mais possível este episodio simples — essa comissão fez alto naquele histórico lugarejo onde, segundo rezam as famas, é costume petiscar-se duas cavacas, de envolta com uma bôa caneca de verdasco.

A comissão, honrando o seu oficio, seguiu rigorosamente a tradição. Há até contos, de cavalaria bandoleiresca, ligados ao sítio em evidência.

Estavam, pois, honrando a sua profissão — os que compunham a comissão — quando um dos comensais perorou, de olhos postos numa rija cavaca: pater-noster!

Eis, senão quando, que um vulto, sobejamente iracundo, entrou de roldão, pela esganada porta da «cavaqueira», injuriando os nossos conterrâneos.

Disse para lá muitos dislates o individuo.

Sabem quem era? Era o cura de Balazar, ou então: o pároco de S. Lourenço de Sande. Valeu ao piedoso ministro de Cristo não sei que anjo da guarda. Porque todos esperavam que êle levasse um apêrto de costelas - como convinha à boa lógica. Escapou desta sem ir a

Fátima. Depois - quando os nossos desventurados conterrâneos se punham em marcha - o padre animado de santa ira, disparou sôbre o automóvel que os conduzia

uma núvem de pedras. Foi uma desobriga de consciência. O sacerdote vai assim evangelizando as massas para a colheita do próximo ano. Eu rio-me da graçola.

Digam agora que não há paciência nêste mundo.

Há até muito boa gente.

X. X. X.

rães ainda vem a ficar melhor do que Paris.

Muitas obras!

Muitas ideias!

Um dilúvio de empreendimen-

Muito bairrismo!

Tudo isto caminha. Que andar para trás é caminhar, de certo modo ...

Depois, as entulheiras até são pontos estratégicos... se cá voltarem os moiros!...

E os paralelipipedos?

E' verdade: montes e montes de pedra quadriculada. Tudo aquilo representa um projecto em marcha. O oportunismo de os assentar ainda não chegou, mas naturalmente não tarda.

E agora muito a sério, lembro ao Município - que parece não querer escutar me - a conveniência de aproveitar o verão.

Se o inverno nos surpreende assim... não faltam charcos.

Cá na terra há muitos reaccionários.

De todos os feitios e tamanhos. Muita variedade! Ultimamente - e porque sou um tanto curioso - noto-os de

nariz erguido. Parece que andam

A PROTECÇÃO AO OPERÁRIO

Em 5 de Outubro de 1910, implantou-se a República em Portugal, porque os êrros crónicos da monarquia, que se seguiam pelos séculos fora, fizeram dêste povo ordeiro, uma fera, ao ponto de lutarem vida por vida, por um ideal que soubesse interpretar o seu sentir.

O Povo era um escravo, trabalhando de sol a sol, sem uma lei que o protegesse contra a tirania de alguns patrões, que não viam nêles os obreiros, que dia a dia lhes abarrotavam os cofres de

Os filhos ainda pequeninos, quando principiavam a falar, eram logo arremessados para o ganha-pão, sem instrução, de maneira que, quando conheciam a falta que lhes fazia o não saber lêr nem escrever, era tarde demais para começar a instruír-se, pois que, já espigadotes, namoravam, e agora o que mais os preocupava era arranjar algum dinheiro com que, àmanhã, constituïssem o lar.

De maneira que, agarrados aquela ideia, dela não saiam.

Implantou-se a República.

Abriram-se muitas escolas, publicaram-se decretos de protecção à infância e outros para obrigarem os pais a mandarem os filhos à escola, sob pena de multa.

De nada tem valido, porque continuamos na mesma, ou quási na

E' preciso, mas quanto antes, que se cuide da protecção ao obreiro, porque auferindo êle um pequeno salário, não pode fazer face à vida, e depois, quando os filhos nascem, tê-los muito tempo aos seus cuidados, isto é, sem que êstes não auxiliem aqueles; porque é preciso que os mais velhos vão ganhando para, por sua vez, auxiliar os mais novos e assim sucessivamente.

E é sôbre as gerações de àma-nhã que temos de olhar com desvelado carinho, remunerando-as melhor, para que se não repita o que até aqui se tem dado, de milhares e milhares de portugueses, todos os anos, embarcarem para longinquas terras, à procura dum bem estar melhor, que aqui, infelizmente, não lho podemos ofe-

E' preciso que assim seja, para que os filhos sejam educados convenientemente; e sendo assim não veremos aquêle quadro negro de todos os dias, levando os restos do ouro que ainda possuimos e vermo-nos privados dos seus braços, que ainda são, e sempre foram, a maior riquesa de Portugal!

Arnaldo de Sousa Lóbo.

aspirando o recheio balsâmico da atmosfera. Lêm muito a «Voz» e o «Diário da Manhã». Trocam entre êles um sorriso significativo, insondavel, profundo.

Eu passo-lhes despercebido e rio a bom rir do riso dêles.

As narinas dilatadas dos pequenos perscrutam o ar... à procura, talvez, das ondas hertzianas.

E eu rio sempre.

Soceguem os pequenos, que nada lhes toca. Lá. . «a tal coisa»... foi chão que deu uvas.

Ou então: uyas que cairam ao chão. Entendido.

Ricardo de S. Gil.

AVISO

Por determinação do Ministério da Guerra, são dispensadas, no corrente ano, as revistas de inspecção às praças licenciadas.

Assuntos de instrução e educação

Pedagogistas, médicos e higienistas especializados têm condenado o ambiente escolar existente desde há séculos, apontando-lhe o defeito da sua oposição sistemática aos impulsos, fluxos, propensões, inclinações, e até aptidões por que a Natureza se manifesta na infância.

E' certo que, pelo pouco que temos lido, aminde vemos destacar sistemas disciplinares, imposições de processos de ensinar que já de há muito somente são conhecidos por tradição e apontar sistemas e processos que ultrapassam em muito o aceitável no nosso mundo escolar, se atendermos, como realmente devemos atender, ao atrazo em que se encontram ainda muitos dos elementos sociais que necessáriamente influem no estado em que a infância se apresenta nas escolas, sob o ponto de vista do asseio, da decência de maneiras, de gestos e de palavras, e à ausência do ensino infantil, que apenas existe em poucas cidades, atingindo alguns dos remédios preconizados o exagêro do extremo opôsto.

E' assim, em quasi tudo, no nosso país.

Impulsivistas, entusiasmáveis, pouco atreitos a ponderações e meditações, a face bela da medalha empolga, enquanto o reverso faz os seus esgares escarninhos...

Isto não obsta, contudo, a que no meio escolar o agente do ensino e da educação procure colher da naturalidade da criança o máximo de aproveitável no sentido da boa disposição para suportar a fadiga escolar e de molde a utilizar-lhe a aptidão em momentos própicios.

São excepções as crianças de premeditada reserva. E, quando elas apareçam, só em regime especial devem ser tratadas; a generalidade manifesta-se claramente.

A perícia, a dedicação constante do professor acionará, indo ceifando no coração e espírito infantis os vícios manifestos; espantando tantas quantas vezes o seja necessário as inclinações e tendências perniciosas e tumultuárias, até as inutilizar, quando em sua substituição outras moralizadoras e disciplinadas.

A criança tortura-se nas quatro paredes de um salão, abomina a clausura, detesta a disciplina, é verdade.

Mas que vai fazer um professor com 40, 50 e até 60 crianças em plena liberdade de movimentos, de posições, de trabalho em suma?

Oh! teoria quanto tens de ilusões fagueiras!

Oh! praticabilidade quanto possues de acabrunhador e desilusório!

Abril de 1931.

Prof. Jerónimo Ferreira Botelho.

No primeiro dia da reabertura das aulas, dia 13 do corrente, reuniram os conselhos escolares das Escolas Centrais da cidade, para procederem a nova distribuição dos alunos matriculados, na hipótese de algum ou alguns professores não desejarem continuar a reger gratuitamente a turma que regiam em regime de serviço desdobrado, consoante era notificado pela circular da Inspecção da R. Escolar de Braga que publicamos no número anterior.

Dizem nos que na Escola Central Masculina prosseguem com os desdobramentos os snrs. professores Monteiro e Antunes e que na Central Feminina e na escola do Coração de Jesus ne-

Notas da Imprensa

República — Reapareceu, há já tempos, e após dois dias de suspensão êste nosso colega da capital.

Suspensões

Suspenderam a sua edição os seguintes colegas:

Humanidade — brilhante semanário democrático anti-clerical do Pôrto

Ala Esquerda — ardoroso confrade de Beja.

O Serpense — apreciado colega de Serpa.

O Porvir — vigoroso jornal de provincia que se publica em Beja.

O Castrense — intemerato defensor da Causa Republicana, de Castro Daire.

A Rajada — valoroso confrade da cidade do Porto.

«A Velha Guarda» — afirmando a todos os colegas a sua inteira solidariedade, jornalística e Republicana — faz ardentes votos pelo seu rápido reaparecimento.

Câmara Municipal

Sessão de 15 de Abril

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Balanço: — Ficou inteirada do balanço dado pelo tesoureiro, relativo à semana finda, em 11 de Abril, acusando os seguintes saldos:

Em depósito na Caixa Económica Portuguesa 230,000\$00 Dinheiro em cofre . . 8,389\$06

Total . . . 238,389\$06

Ofícios: — Do Presidente da Associação de Classe dos Lavradores e Agricultores de Guimarães, agradecendo a forma gentil como foi recebida pela Câmara.

Do Reitor do Liceu convidando a fazer-se representar na homenagem ao Dr. Manuel de Jesus Pimenta.

Da Comissão dos antigos alunos do Seminário-Liceu e Liceu Martins Sarmento, convidando a assistir às homenagens aos Drs. Manuel de Jesus Pimenta e Cónego Pedro Gonçalves Sanches.

Do Presidente da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães.

Da Procuradoria Geral dos Mu-

nicipios.

Do chefe dos Serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones do distrito de Braga, referente à acquisição dum novo edificio para a Estação Telégrafo-Postal das Taipas.

Foram aprovados vários requerimentos e propostas, assim como autorizados diversos pagamentos.

Associação de Socorros Mútuos na Inabilidade

Recebemos o seu «Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal» — Gerência de

Por ali constatamos que esta Associação progride.

Muitos parabens.

nhuma das senhoras professoras se recusou a prosseguir em regime de serviço desdobrado.

E' um gesto digno de especial registo e de todo o encómio, desejando sòmente os encarregados da educação dos meninos e meninas que freqüentam regularmente essas Escolas que o regulamento seja cumprido com aquêle rigor de pontualidade e aprovada dedicação a que estavam habituados. Costumam dizer os petizes, quando lhes recusam aquilo com que se contava:

- O que se promete dá-se.

QUEM SÃO OS CULPADOS?

O operariado de todo o mundo vive, presentemente, uma hora incerta de dolorosa espectativa.

Em Portugal, por exemplo, os operários — falange enorme de sacrificados — vêem-se a braços com uma crise assustadora, que ameaça eternizar-se. Os seus lares estão sendo invadidos por êsse fantasma aterrador a que se chama — fome.

A alegria, que outrora era o apanágio dos trabalhadores, está sendo substituída pela dôr — dôr cruciante que a falta de trabalho está tornando cada vez maior, mais dolorosa.

Em Guimarães, cidade de trabalho, não raro sucede verem-se por essas ruas, grupos de trabalhadores que tôda a sua vida foram exemplo de virtude e honestidade — mercê do seu labôr constante — e, que àmanhã, se êste estado de coisas perdurar, e que enérgicas providências não sejam tomadas por quem de direito, irão, por certo, encher as celas das prisões, como lógica conseqüência da crise que se atravessa.

A dôr — inseparável companheira dos que sofrem — aflora nos rôstos dêsses sêres, a quem a necessidade e a fome farão, indubitàvelmente, os revoltados de amanhã.

Quantas lágrimas, quantos dramas ignorados e dolorosos, que estendal de miséria, encobrem as telhas dos tugúrios que a maioria dos trabalhadores habitam!...

Alguns lares conhecemos nos onde a miséria é tão grande, tão confrangedora, que nos faltariam as fôrças se tivessemos de a descrever.

E no entanto, êsses lares, quando o trabalho não escasseava, eram limpos e tinham pão.

E', pois, apavorante a situação das massas trabalhadoras. E, até agora, pouco ou nada se tem feito para lhes atenuar o sofrimento.

Já vai sendo tempo de retroceder caminho, e de se olhar com olhos de vêr, para a maior e mais sacrificada parte da nação — o operariado.

Vários são os factores que têm contribuído para êste malestar. Mas, entre êles, há um, que a meu vêr, é o mais essencial, o de maior relêvo.

Consiste êsse factor em os agiotas, os judeus, com fins inconfessáveis, mas que facilmente se lhes adivinham, chamarem a si todo o dinheiro que conseguem haver às mãos — mãos rapaces sempre ávidas e sôfregas de oiro.

Não se lembram êsses senhores, que o dinheiro que têm metido nos seus portentosos cofres,
dinheiro que êles retrairam à
circulação, produz o estagnamento
social, a paralização do trabalho,
e como tal, a miséria do povo,
do povo humilde e sofredor.

Este é que é o grande mal. Mas reparem êsses cavalheiros no ambiente que estão criando à sua volta, e lembrem se dos efeitos que dêle lhes pode advir.

São êles, incontestavelmente, com o seu criminoso proceder, os causadores da situação aflitiva em que vivemos, os inimigos declarados dos trabalhadores, os abutres do povo, os que semeiam nêsse mesmo povo a indignação e a revolta, por mais pacato e tolerante que êle possa sêr.

Ponderem nisto esses senhores, e deitem para fora dos cofres o oiro retraído, pois só assim conseguirão entravar a onda negra que se ergue, ameaçadora, para êles...

J. Gualberto de Freitas.

Operário gráfico.

Este número foi visado pela comissão de censura

A paixão dum cego!

Parti a olhar-te n'alma e cego de là vim Perdido nesta minha enorme escuridão... E nunca mais te vi! Talvez fujas de mim P'ra que eu não possa mais beijar-te a linda mão!...

Nunca mais! Nunca mais! Mas sem te ver, assim, Eu vejo-te aqui dentro, aqui, no coração!... Foges de mim, porquê?... Foges de mim Quando eu te trago aqui, nesta voraz paixão!...

Ceguei p'la minha Terra, a minha Pátria-amada Nas trincheiras de França — Sol da Liberdade I Regressei... Fiz bem mal!... Cuidei que sem ver nada

Ao menos te veria, imersa em Piedade. A desfazer's-te em luz da mais viva alegria E a alumiar's-me, assim, num beijo, a escuridade!

DELFIM DE VIMARANES.

COISAS RELIGIOSAS . . .

Alguem nos pede para publicar o que segue:

IRMANDADE DE S. TORCATO

No segundo Domingo do próximo mês de Maio, realizar-se-hão pelas 10 horas oficiais, na capela da Irmandade de S. Torcato, as eleições para a nova mesa.

E' preciso que haja decôro e dignidade da parte dos eleitores, varrendo dali para fora mesários que nela se anicharam há 6, 8 e 10 anos consecutivos, sem que mostrem fadigas, dispostos a continuar exercendo as funções pelo muito amor que tem ao santinho, pois que não recebem, como tôda a gente sabe, remuneração alguma.

Quanto a nós, não é humano que só uns trabalhem e se sacrifiquem, quando há irmãos dignos e capazes de exercer tais cargos, com honra e proveito para a dita Irmandade.

E' que há certos cavalheiros que parece gostarem dos pingos da cêra... nas mangas do casaco.

N. da R. — Nos — sem nada termos com êstes assuntos — estamos plenamente de acôrdo, ou antes achamos bem a doutrina exposta. E a oportunidade convidanos a frizar que em Guimarães, aqui mesmo no seio da cidade, existe muita coisa semelhante. Há uns cavalheiros de tocha que, multo desinteressadamente, se ligam a irmandades há uma boa dúzia de anos.

Reputamos demasiado longo o sacrificio!...

Mas isso é lá com êles.

Concerto Musical

Realiza-se no dia 3 de Maio próximo, no Teatro Gil Vicente, um grandioso espectáculo de gala em comemoração da descoberta do Brazil e dedicado aos Vimaranenses amadores de música, em festa Artística da Orquestra Vimaranense, constando o programa de um assombroso film, e um esplêndido concêrto pela orquestra composta de 12 professores de música, do Pôrto e Guimarães.

Há grande interêsse em ouvir êste concêrto, dado o cuidado com que está sendo elaborado o programa musical.

Os bilhetes encontram-s à venda na Casa das Gravatas e Camilo Larangeiro dos Reis.

FERNANDO AYRES ADVOGADO

Escritório junto á Conservatória | 1931.

PELO TEATRO

Como era de esperar, decorreu brilhante e animadora a récita de homenagem à grande Ilda Stchini.

Houve — segundo anunciamos — várias recitações, além da formosa comédia em três actos Sonho da madrugada.

Agradou imenso todo o pro-

Num dos próximos números havemos de fazer alguns considerandos, porque certas atitudes no-los sugeriram.

Na Parada dos Bomb. Voluntários

A partir de 12 de Maio próximo, fará a sua apresentação nesta Parada, dando uma série de espectáculos, o grande Circo Eqüestre — Konyot — Mariano (antigo Circo América Show).

Consta-nos que apresenta uma grande Companhia Internacional, inteiramente nova para Guimarães.

Teatro Gil Vicente

No último domingo foi passada, no écram desta casa, uma excelente produção da S. U. S.

Era um film da vida russa no tempo do tzarismo.
Agradou muito.

Hoje há variedades, encantadoras variedades pela troupe

Mari Quina.
Uma revista por petizes.
Espera-se uma enchente.

Chapéus para senhora e criança

A fim de fazer as suas compras para a próxima estação de verão, partiu para Lisboa a modista de chapéus Maria do Céu Mendes Silva, que foi escolher um lindo e variado sortido de chapéus modelos e bem assim outros artigos para a sua confecção, podendo as suas Ex. mas Clientes ter ocasião de ver um lindo sortido de chapéus, no dia 3 de Maio próximo, na exposição que vai fazer na casa Rebelo, à Praça de D. Afonso Henriques, cuja visita desde já agradece.

Cadela coelheira

Desapareceu uma malhada, meio pêlo, e que dá pelo nome de Carriça, nas proximidades da Senhora do Monte. Procede-se contra quem a retiver e gratifica-se quem indicar o seu paradeiro, no Club de Caçadores de Guimarães.

Guimarães, 20 de Abril de 1931.

Fábrica de Guarda-sois e Chapeus

FARIA & FERNANDES, L.da 51, Largo Prior do Crato, 54 GUIMARÃES 49, Praça D. Afonso Henriques, 50 (Filial) Telefone n.º 89

Agentes oficiais dos pneus FIRESTONE Representantes do capacho IDEAL

Drogaria do Toural

João Garcia d'Almeida Guimarães Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES

DE .

TINTAS, VERNIZES

Telefone, 68

Sapataria Elegante ___ DE __

Artur d'Oliveira Sequeira Largo Prior do Crato GUIMARÃES

Especialidade em calçado fino e concertos

.....

CASA DE SANTA TERESINHA

RUA DA REPÚBLICA, 122 GUIMARÁES

Papelaria e Livraria Artigos Religiosos e Objectos de escritório

FABRICA DE PENTES RIBEIRINHO

FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS ARMAZENS EXPORTADORES

TELEFONE N.º 128

GUIMARÃES - Portugal

CASA DAS GRAVATAS

EVIDROS

DIAS & CARVALHO, L.DA

CAMISARIA E GRAVATARIA.

43 — Rua da República - 47 TELEFONE N.º 188 GUIMARÃES

CARLOS DE LEMOS

(MARCA 54)

FABRICA DE CUTELARIAS MIRADOURO - GUIMARÃES

......

Cutelarias em aço fino das melhores procedências

PADARIA ALMEIDA

José Mendes Guimarães Rua Elias Garcia, 63 GUIMARÃES

Cereais e Farinhas

ILIPS RADIO

OS MELHORES RECEPTORES

Representantes: BERNARDINO JORDAO. FILHOS & C.A. GUIMARAES

Grande Armazem de Exportação

Augusto Mendes Rua de Gil Vicente GUIMARAES

Calcado, Outelarias e Pentes

......

......

Casa Patricio

José Fernandes Martins Praca D. Afonso Henriques GUIMARAES

Pão de Ló de Margaride (de Leonor Rosa da Silva). Especialidade em artigos de mercearia fina.

DROGARIA MODERNA

Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Rua da República GUIMARAES Telefone, 146

Tintas. Vidros.

.....

Louças e Vernizes.

A. J. Ferreira da Cunha

Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES

Sortido completo em ferragens finas e para usos industriais. Pasta dentifrica CORALIA

Sendo quimicamente neutra é a úuica que dá aos dentes a côr natural do marfim. Telefone, 73

Vende-se em tôdas as farmácias e perfumarias.

CASA HIGH-LIFE, Filial

de Benjamim de Matos & C.a, L.da Toural — GUIMARAES Telefone, 64

O seu intento é, com os preços e qualidades de todos os artigos que vendem, convencer o público de que se esforçam o máximo para lhe fornecer artigos bons e garantidos por preços razoáveis. SECÇÃO DE MODAS.

Papelaria Central

Telefone, 149 Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES

> Artigos fotográficos. Unica casa da especialidade.

Armazem de Mercearia

por junto e a retalho ___ DE ___

Francisco Lopes Martins Rua de Gil Vicente--GUIMARAES

Depósito de telha Marselha e tubos de grés. Telefone, 101

TELEFONE N.º 74

O maior, o mais central e o mais bem frequentado e confortável. Serviço de mesa primoroso para dieticos e não dieticos.

PENSÃO DE GUIMARAES DE JOAQUIM DA SILVA

19, Travessa de Camões, 21 — GUIMARÃES

Almoços a 8\$00. Jantares a 10\$00. Diárias de 14\$00 a 25\$00. Quartos excelentes e cozinha á portuguesa. Iluminação eléctrica.

João do Couto Salgado

CHAMADAS - Telefone, 222 Mudou o seu escritório de solicitador para a Rua 31 de Janeiro, 111

GUIMARAES

UNIÃO INDUSTRIAL

JORDÃO CASTRO. FABRICA MANUAL DE CALCADO

Venda a retalho de calçado em tôdas as qualidades e por preços sem concorrência. Fazem-se concertos.

TELEFONE N.º 19

GUIMARÃES

Leite & Figueiredo

Materiais para construções Cal, tintas, vernizes, tubos de grés e telha de Marselha.

Largo da Condessa do Juncal — GUIMARÃES

CARREIRAS DE CAMIONETE ENTRE GUIMARAES E PORTO

João Ferreira das Neves Escritório :

> Casa Almério Ferra Toural - Guimarães

Antonio Ferra, Filho Largo D. Afonso Henriques GUIMARÃES

Completo sortido em ferragens finas e artigos de menage.

......

Escritório de Camionetes para o Pôrto

JOSE MENDES GUIMARAES

R. de Gil Vicente, 71 - GUIMARÃES | Praça de D. Af. Henriques - Guimarães

Depósito da excelente palha trilhada em fardos, bancas de lousa para barreleiros, oleados e carvão de coke para cosinha.

Braga & Carvalho, Limitada

TELEFONE, 78

ARMAZEM DE MERCEARIA FINA e Escritório das Camionetes para Braga e Pôrto.

IDEAL = CASA

DE Joaquim Leite Monteiro Rua 31 de Janeiro n.º 28 e 30

Telefone n.º 181

Encarrega-se de concertos em tôdas as Máquinas de escrever (qualquer marca). Serviços garantidos. — Preços módicos. Agente das Máquinas Smith e Corôna.

L. D'OLIVEIRA & C.a

Rua da República (Junto ao Banco do Minho) GUIMARAES

Completo sortido em tabacos nacionais e estrangeiros.

LIVRARIA E PAPELARIA. VALORES SELADOS.

ANTONIO DA ROCHA BRAGA (Mestre de obras)

Encarrega-se da construção de qualquer obra de pedreiro, garantindo a sua boa execução.

Avenida número 2 GUIMARAES

MANUEL

Miradouro - Guimarães Marca 53 (Registada)

Fabrico de cutelarias.

O melhor no género. Acabamento garantido.

Joaquim Ribeiro Moura (Marca 35)

Pisca-GUIMARÁES Telefone n.º 167

Fábrica de Gutelarias e Tecidos

Premiada nas várias exposições a que tem concorrido. A titulo de experiência, aconselha-se uma visita a esta acreditada casa.

FOTO-BELEZA 🛥 DE MANUEL ALVES MACHADO

Rua 31 de Janeiro, 97-GUIMARÃES GALERIA DE ARTE Telefone n.º 216

Executa com a máxima perfeição ampliações em todos os tamanhos. Acabamentos em trabalhos de amadores e todos os serviços concernentes a esta arte.

Marca da Fábrica

FABRICA DE CUTELARIAS: SILVA MARCA-5

SILVA: MARCA GUIMARAES

Fundada em 1882

Registada

Endereço telegráfico: SILVA 5-Guimarães José Francisco da Silva, Filho & Genro

Premiada em tôdas as exposições a que tem concorrido

MIRADOURO — GUIMARÃES